CAMPISMO

(Foto Martinez Pozal)

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Boletim mensal / Assinatura ao ano, 12$00 / Preço avulso 1$00

Foto: KORSCHELT — Primeira aventura

N.º 38

JUNHO

1942

Sumario

Capela das missões na Exposição do Mundo Português

SONHAI ESTE SONHO...

Morreu há poucos meses sob o sol horrível do Equador um missionário — um veterano das missões. Como tantos que por lá vivem e por lá morrem, heróis autênticos e sem nome, Monsenhor Gabriel Grison, foi um soldado-apóstolo de Deus e da Pátria.

Mas não é isto que vem aqui bem ao nosso caso.

Os governos da Bélgica e da França condecoraram-no por altura do cinqüentenário do seu sacerdócio que quási correspondia a outros tantos de missionário "em plena floresta virgem no meio de tríbus ligeiramente canibais", como êle próprio escrevera um dia.

Arrombado de fôrças físicas, sem mais poder, demissiona do seu pôsto de Vigário Apostólico, mas recusa-se a regressar à Europa — à sua terra. Insistem. E a resposta foi apenas esta: "*Je veux tomber en beauté*"...

* * *

Cair belamente...

Morrer belamente...

Ia eu dizer que do que o mundo mais precisa é de mortes assim: mortes belas: de quem queira e saiba *cair*... morrer...

Mas a verdade é que para se morrer desta forma — em beleza — é preciso ter sabido viver em beleza.

Vidas belas... Mortes belas...
Vidas grandes... Mortes grandes...
Vidas heróicas... Mortes heróicas...

* * *

Onde estarão ainda, Senhor, os que sejam capazes de dar ao homem e à vida e ao mundo vidas desta rijeza, mortes desta grandeza?!...

Quem ensine o homem a viver em beleza e a morrer em beleza?!...

Educadores... animadores do mundo...

* * *

...É nos colos das mães e nos berços que se hão-de ensaiar os homens para êstes vôos, a olhar para estas lindas alturas.

No colo das mães... nos berços — e elas a rezarem, e a cantarem e a embalarem os filhos, sonhando alto, sonhos de santidade e de heroísmo: vidas grandes e mortes extraordinárias...

Mães animadoras, mães artistas de santos e heróis...

...a alma delas o cinzel, e o peito a oficina, e o coração uma labareda alta a sair-lhes pelos olhos, a arder-lhes nos beijos, a aquecer-lhes as faces, a queimar-lhes, a devorar-lhes o coração.

Mães... Mães...

* * *

Deus vos ajude, raparigas da M. P. F., a sonhardes desde agora o vosso sonho de mães. Deus vos ajude!

Seria quási tôda a salvação de Portugal.

Ora deixai-vos do mais: — das vossas bagatelas e quimeras; dos vossos devaneios e futilidades — e que vos ensaiem a vós desde já, ensaiai-vos vós em querer vir um dia realizar esta missão de sacerdotisas e de raínhas e começará logo a haver na nossa Terra vidas belas e mortes em grandeza e beleza.

G. A.

Hortênsias

Umas pequenas, outras entufadas,
E na altura dos beijos tôdas elas,
Abrindo alas à vida, por vielas,
Vêm assentar-se à beira das estradas.

Como se abranda o fogo das jornadas
Bebendo-lhes o sonho... só de vê-las
Em novelões dobados pelas belas,
Às inocentes mãos de boas fadas!

Pingos de céu e mar que a terra verde
Converte em onda azul que não se perde
Nem ao bater de encontro às serranias,

Elas são alma límpida do solo,
E as aldeias as levam bem ao colo
Em longas e devotas romarias...

P. DENIS DA LUZ

NUM DIA LINDO DE JUNHO FOI ESCRITO ÊSTE SONETO APÓS UM LONGO PASSEIO DE VERTIGEM PELAS ESTRADAS DE S. MIGUEL — A ILHA VERDE — FLORIDAS DE «NOVELÕES», NOME POPULAR DAS HORTÊNSIAS

Cena final da «Maria Rita»

TRÊS ESPECTÁCULOS NO TEATRO NACIONAL

O Comissariado Nacional, em colaboração com a Delegacia da Estremadura e a sub--Delegacia de Lisboa, desejando proporcionar às filiadas da M. P. F. umas tardes de alegre divertimento, que fôssem ao mesmo tempo uma lição educativa, contratou três espectáculos no Teatro Nacional, tendo sido representada a peça «Maria Rita».

«Maria Rita» é uma rapariga pobrezinha, que ri por tudo e por nada.

Só tem de seu a alegria de viver; mas essa alegria vale mais do que todas as riquezas!

O seu riso fresco e engraçado contagia o público, que ri também. Ri e canta — e se pudesse, dançaria! — acompanhando «Maria Rita».

Em contraste, um príncipe sofrendo de negra melancolia. Vive num palácio, rodeia-o uma côrte ocupada em distraí-lo — e êle morre de aborrecimento!

«Maria Rita» aparece. O seu riso, como o sol de Maio, destrói os «micróbios» da estranha doença que consome o príncipe. O seu bom humor ganha o tristonho filho do Rei, que, recuperando a alegria, se sente renascer para a vida!

A moralidade da história dá-no-la «Maria Rita», revelando-nos o segrêdo da sua própria alegria: o trabalho.

Quando, terminado o espectáculo, eu descia as escadas do teatro, à minha frente um grupo de filiadas ria, imitando a «Maria Rita». E riam com tanto gôsto, que eu senti que se lhes tinha pegado a alegria de «Maria Rita» e pensei que, ao chegarem a casa, o seu riso cantante continuaria a ressoar e a comunicar-se...

E a alegria faz tanto bem!

Semana das Colónias

Satisfazendo o desejo de Sua Ex.ª o senhor Ministro da Educação Nacional, que ordenou que o dia 9 de Maio fôsse considerado nas escolas o «Dia do Ultramar», em todos os Centros da M. P. F. foram feitas palestras sôbre o nosso Império.

Exaltação de glórias passadas; evocação de nomes ilustres.

Glórias que ainda projectam sob os nossos passos uma luz que é caminho por onde devemos seguir; nomes que nos ensinam a grandeza e a virtude de bem servir a Deus e à Pátria.

No Centro n.º 1 (Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, de Lisboa) proferiu uma brilhante palestra sôbre o tema do dia a senhora D. Aida David Cardigos, sub-Delegada Adjunta de Loures.

Presidiu à sessão — que abriu com o hino «Mocidade Lusitana» e fechou com o hino da «Mocidade Portuguesa» — a Ex.ᵐᵃ Comissária Nacional, que pronunciou algumas palavras. A seu lado sentava-se a Delegada Provincial da Estremadura, vendo-se também na mesa uma graduada.

Subsídios e donativos a várias Delegacias e sub-Delegacias da M. P. F.

Câmara Municipal de Portimão — subsídio anual de 2.000$00; Câmara Municipal de Vila Real de Santo António — um subsídio de 304$40; Câmara Municipal de Castelo Branco — subsídio mensal de 100$00; Do Ex.ᵐᵒ Senhor Governador Civil de Santarém à M. P. F. do Ribatejo — um subsídio de 1.000$00; Da Região do Vinho do Porto à Delegacia de Trás-os-Montes e Alto Douro — um donativo de 2.000$00.

A todos o Comissariado Nacional agradece muito reconhecido.

(Foto Martinez Pozal)

1 — Lenha para os fogões
2 — Não bole uma fôlha. À falta de vento...
3 — À beira do tanque onde foi comido o almôço
4 — 1.ºs socorros. Como se faz uma maca
5 — Ovos estrelados. Um dos pratos do almôço
6 — Jogos da natureza. A explicação dum jôgo escutada com atenção

Campismo

Domingo. Depois da assistência à missa, às 8 horas, na igreja de S. Domingos, partimos de eléctrico para o Lumiar. De lá, à quinta dos Milagres na Charneca, são uns bons três quartos de hora de caminho, mas o grupo alegre das nossas raparigas dispensa a camionete à disposição daquelas a quem a caminhada meta mêdo.

Saca ao ombro, com o farnel para o almôço e a merenda, seguem acompanhadas pela professora sueca Froken Ingrid Ryberg, que dirige êstes primeiros ensaios de campismo.

Ao chegar à Quinta, trocam-se ràpidamente as fardas pelos fatos de ginástica cómodos e práticos.

As graduadas e instrutoras, que neste dia fazem campismo, são divididas em três grupos: *Vento*, *Fogo* e *Agua*, com funções determinadas e diferentes.

O grupo do *Vento* prepara o terreno para levantar a tenda, limpa a terra das ervas e calca-a. Depois arma a tenda que atapeta com feno.

Em volta duns paus espetados no chão, encanastram palha para fazer um cesto para papéis, que evitará que estes fiquem abandonados pelo campo, dando um ar de desmazêlo.

Por seu lado, o grupo do *Fôgo* trabalha na construção dos fogões.

Uma filiada abre com a pá uma cova para o fogão, enquanto outras andam à procura de pedras para o fazer, e outras ainda vão buscar lenha, que acarretam num carro de mão.

Constroem ainda um outro fogão, em forma de muro, com pedras e terra amassada.

Por sua vez, o grupo da *Agua* toma conta do poço e com baldes de lona enche uma grande celha que serve de lavadouro.

Preparam-se mesas, com terra batida, coberta de erva sêca, para colocar os utensílios.

Com dois paus e uma guita improvisa-se um suporte para os panos de cozinha. No poço arranja-se um toalheiro. Tudo se *inventa!* Trabalha a imaginação.

Uma graduada mostra radiante uns ferros velhos e ferrugentos que servem lindamente de trempes para o fogão.

Outras aparecem trazendo uma chapa de zinco, que faz uma mesa magnífica.

E até uma vem satisfeita com o seu achado: um caco velho que, bem lavado, serve de saboneteiro.

Preparado o acampamento, planta-se a bandeira da M. P. F. Em continência, as filiadas cantam a «Mocidade Lusitana».

E agora, os 3 grupos juntam-se no trabalho para fazer o almôço. Descascam-se batatas, picam-se cebolas, corta-se a carne em bocadinhos.

Acende-se o lume: é um belo momento! O fumo sobe e, como diz o poeta, «o fogo e a lenha morrem de abraços nas chamas!»

Não se vê ninguém desocupado. Cada uma está entregue à sua obrigação e tôdas trabalham alegres e desembaraçadas.

Quando o almôço está quási pronto, um grupo prepara a sala de jantar sôbre as bordas largas dum tanque. Marmitas cheias de papoilas enfeitam garridamente a mesa.

A's 13 horas come-se com apetite o prato sueco que a Froken ensinou a cozinhar. É excelente! Há também ovos estrelados. Para sobremesa, laranjas. E chá com pão com manteiga.

No fim do almôço dão-se graças a Deus, e fazendo roda de mãos dadas, dizem-se também, umas às outras, «obrigada!» — pois tôdas, umas para as outras, trabalharam.

O grupo da *Agua* apaga o lume. O grupo do *Fogo*, com as pás demole os fogões e tapa as covas; todos os vestígios da cozinha desaparecem. E' preciso deixar tudo em ordem!

Lava-se a loiça. Esfregam-se os utensílios.

Depois, um descanso bem merecido. Umas estendem-se dentro da tenda, outras à sombra das árvores.

Está um dia lindo. E a nós, que vimos da cidade, tudo nos encanta. Nas terras cultivadas o milho desponta; os batatais estão floridos. As videiras estendem as vides sôbre as latadas; nas cerejeiras brilham as cerejas rosadas. As oliveiras carregadinhas de flores prometem azeite para o caldo e para a candeia; e por êsses campos além as cearas são também uma promessa... Bemdito seja Deus!

A's 14,30 um toque de apito chama para os jogos. Jogos da natureza. A Froken mostra e explica uma planta: uma pequena lição de botânica. Depois, uma das filiadas desenha, às escondidas, uma flor ou uma fôlha que as outras hão-de ir procurar. Partem, em alegres correrias pela quinta. Quem acerta e encontra primeiro, ganha.

Jogos de atenção. Um «índio» que desliza tão ao de leve que os seus passos nem se pressentem. Mas range uma areia... Os «brancos» atentos batem as palmas: perdeu!

E os jogos sucedem-se sempre com o mesmo interêsse.

Mas o horário — que se cumpre à risca — marca outras ocupações.

Enquanto umas filiadas aprendem a fazer nós para a maca e a armá-la, outras prestam socorro a uma companheira com uma perna partida (!). A fractura é imobilizada com uma tábua, fazendo de tala, envolvida em casacos de malha para substituir o algodão hidrófilo; os lenços do pescoço substituem as ligaduras.

A habilidade está precisamente nestes improvisos, em descobrir meios de prestar os 1.os socorros sem farmácia nem ambulância — que na vida corrente não andam atrás de nós...

E fazem-se pensos. Ligam-se entorses. Transportam-se feridos na maca.

Experimentada a ciência das «enfermeiras», as «doentes» correm e saltam — o mal não era de morte!... E as «enfermeiras» também querem gosar a delícia dum passeio de maca...

A's 17 h. lancha-se. Em seguida, arrumam-se os sacos, desarruma-se a barraca, enrolam-se as cordas, prepara-se tudo para a partida.

Mas enquanto não chega a hora, canta-se e dansa-se, aproveitando o tempo até ao fim.

Ninguém resiste a êste convite instante: «Meninas, vamos ao vira... que o vira é coisa boa!»

Os coros parecem uma «rapsódia»: começa-se pelo «alecrim do monte», mas daí a pouco já se está numa canção patriótica...

Finalmente — são 18,30 h. — tira-se a bandeira e as últimas notas do hino da «Mocidade Portuguesa» são o adeus ao campo.

Quanto mais não valeu êste dia ao ar livre do que uma tarde passada no cinema?!

O sol e o exercício estimulam as energias, dão saúde e alegria. A vida em comum estreita os laços da fraternidade que deve existir entre os membros duma mesma organização. E o ter realizado alguma coisa, com a aplicação das nossas faculdades e o esfôrço do nosso trabalho, desenvolve a personalidade.

O campismo tem um admirável poder de renovação física e até moral. Por isso o Comissariado Nacional prepara com êstes ensaios maiores realizações.

Maria Joana Mendes Leal

POR CARIDADE... NÃO FAÇAM TROÇA

Todos sabem troçar, mas nem todos cuidam da maneira de evitar essa falta de caridade. A propósito de tudo surge o dito irónico e o riso malicioso.

Não há tempo de cuidar se o que nos chama a atenção é um defeito físico, uma falha de inteligência ou uma falta de meios.

Troçamos, com a mesma «sem-razão» com que nos rimos duma pessoa que tropeça e cai.

Rimo-nos de quem conhecemos e de quem não conhecemos.

Que falta de bondade!

Quem nos diz que aquela que vai na rua com uns sapatos destoando do vestido não chorou antes de sair de casa por não ter outros!

E talvez, pelo contrário, julgue que vai muito bem assim, e então estamos prontas a troçar do seu mau gôsto.

Ora o bom gôsto, *o que nos faz distinguir as coisas feias das bonitas, é em certas pessoas um dom natural, e noutras uma faculdade mais ou menos cultivada como parte integrante da educação. Está portanto sujeito a circunstâncias especiais, como: a inteligência, o meio em que é feita a educação, ou o ambiente em que cada um vive.*

O bom gôsto *não é pois igual para tôdos, e a ausência dêle, é tão pouco motivo de crítica como a falta de meios materiais, ou os defeitos físicos.*

A trocista, entrando numa casa pela primeira vez, esquece o motivo que lá a levou, e enquanto espera na sala, mira de alto a baixo e critica: o retrato do menino, tão feiosinho, numa moldura que já não se usa; o retrato da avó, tão provinciana; os «bibelots» tão «Pires», e a mobília tão feia!

A que não fôr trocista, reparará no asseio e ordem com que tudo está arrumado, verá em cada coisa um gesto de carinho e vontade de fazer o melhor que sabe. Também, se houver desalinho e falta de limpeza, terá um pensamento de desculpa e não de acusação.

Se é injusto rir do mau gôsto *não o é menos rir daqueles que não se conhecem.*

Uma senhora gorda, veste um fato de alfaiate, com saia muito curta, sapatos que dão nas vistas e um chapéu ridículo.

Resistam. Não façam troça. Lastimemos que ela não saiba a vista que faz.

Tem certamente desgôsto por ser assim, mas não se conhece bastante para reconhecer que não se pode evidenciar.

Quanto às acções que presenciamos, devemos também ter cautela antes de as julgar.

Porquê sorrir quando vemos na rua um pai com o bèbé ao colo? Isso só prova uma atenção para com a mãi que vai ao lado, cansada, ou talvez doente...

Se uma amiga não sabe as regras da etiqueta e boa educação, porque não nos compadecemos, em lugar de saborear a sua atrapalhação?

Demos graças a Deus por não estarmos nas condições dela.

Não esqueçamos que aquilo que nos parece indolência ou desmazêlo, é muitas vezes só falta de saúde ou fraqueza.

Quando apreciamos o trabalho de alguém, sejamos benévolos.

Há um sistema que devemos usar para fugir à troça quando apreciamos os trabalhos de outrem, não esqueçam: começar sempre por notar as qualidades.

Duma maneira geral:

Por caridade... não troçar.

Chefes de Falange. Economia doméstica: corte

Chefes de bandeira. Economia doméstica: preparando a galinha para a galantine

EXAMES de GRADUADAS

Realizaram-se no dia 25 de Abril passado, na séde da sub-Delegacia de Lisboa, os exames de Chefes de Quina; e nos dias 1 e 2 de Maio, na séde da Delegacia Provincial da Estremadura, os exames de Chefes de Castelo, de Grupo, de Bandeira e de Falange.

Estes últimos — exames finais da Escola de Graduadas — fôram os primeiros que se realizaram na M. P. F., por isso merecem menção especial.

Fôram dez as graduadas que tomaram parte nos exames de «Chefes de Falange».

Se pensarmos que fôram mais de 100 as filiadas que iniciaram o seu curso, temos bem a prova de que as Escolas de Graduadas são, na verdade, «escolas de formação de escol».

Só são admitidas a freqüentar o curso imediato as graduadas aprovadas com 14 valores e, além disso, é necessário que tenham «revelado qualidades de disciplina, trabalho, correcção de procedimento, lealdade, amor e interêsse pela Organização, mostrando uma formação moral progressiva e perfeita integração no espírito da M. P. F.»

Com êste espírito e estas exigências, compreende-se que seja diminuto o número das graduadas que atingem a graduação suprema de Chefe de Falange.

Mas êsse pequeno número fica apto para entrar nos quadros das Dirigentes da M. P. F. e marcará no seu próprio meio familiar e social.

Os exames, que constaram de provas escritas, orais e práticas, versaram sôbre as matérias do programa.

Nas provas escritas da «Formação moral e religiosa» ficou bem acentuado o aproveitamento das lições recebidas nos quatro anos do curso. O ideal que lhes foi mostrado tornou-se o seu próprio ideal; ao deixar a Escola de graduadas essas raparigas levam consigo aspirações altas duma vida de bondade e de beleza — de utilidade.

Nas provas de «Canto Coral», que constaram de canções regionais, patrióticas e religiosas, manifestou-se a sua cultura musical e ainda, na alma com que cantaram, a formação do seu próprio sentimento.

Nas provas de «Economia doméstica» admirámos a ligeireza com que cortaram os moldes, talharam a fazenda e armaram um vestido, que apesar de só quási alinhavado, já mostrava a habilidade das «costureiras».

Nas provas de «Educação física», vimo-las, ágeis e desembaraçadas, nos exercícios de ginástica; graciosas e alegres nos jogos e danças; aprumadas e conscientes das suas responsabilidades nas provas de comando.

A algumas provas do último dia dos exames assistiu a senhora Waldtrant Pactzcke, Dirigente superior da Mocidade alemã, que veio a Portugal organizar o grupo feminino das suas compatriotas.

Esta senhora e a senhora Peter foram convidadas para o jantar cozinhado e servido pelas Chefes de Bandeira (prova de Economia Doméstica) no qual tomaram também parte a Comissária Nacional e suas Adjuntas, Delegada Provincial da Estremadura, Sub-Delegada Regional de Lisboa, Directoria dos Serviços de Intercâmbio, Vice-Reitora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho e Juri e Professores dos exames.

A mesa, ornamentada com arte e originalidade, estava muito bonita e mereceu os melhores elogios, assim como o jantar apetitoso e bem feito.

Fotos: HORÁCIO NOVAIS

Chefes de Falange. Educação física: dançando «o vira»...

Chefes de bandeira. Prova de culinária: a ementa do jantar

Chefes de Falange. Educação física: ginástica

Chefes de Falange. Actividades de Centros

ABELHAS E MEL

AGORA que é difícil arranjar açúcar, pensamos tôdas com apetite no mel! Mas para ter mel, temos que ter colmeias, e nas colmeias abelhas... E as abelhas têm que ter o seu enxame completo; com a sua abelha mestra ou raínha, obreiras, etc. Portanto o que nos parece de princípio simples não o é tanto como julgávamos, se atentarmos bem no caso. Mas vale bem a pena pensarmos um bocado e pormos mãos à obra... Mas cautela! com luvas... em abelhas é sempre perigoso tocar!

Quem viva no centro duma cidade, mesmo que tenha quintal ou jardim, não pode ter fàcilmente um cortiço ou colmeia, por falta de flores em quantidade, mas basta morar nos arredores ou mesmo nos subúrbios para já se poder gozar essa vantagem. Na província ter a sua "aldeia„ de abelhas é mesmo uma necessidade. Quantas aplicações tem o mel para a gente do povo que o emprega como fortificante, xaropes para tosses e para fazer bolos! — O lavrador já sabe que é à sua casa que vão pedir êsse precioso alimento, se o necessitam, e para o poder dispensar tem que possuir não poucas colmeias. Mas segundo o nosso hortelão as abelhas são um "gadinho„ que dá pouca despesa, e trabalho só em certas épocas do ano.

Em Abril e Maio saiem os novos enxames e é então preciso fazer com que êles entrem para outras colmeias ou cortiços; quando se vê pela primeira vez aquela enorme pera viva feita de centenas de abelhas, pendurada num ramo duma árvore, fica-se pasmado... será possível... Sim é, e muitas outras coisas extraordinárias na vida das abelhas. Extraordinárias pela organização e divisão modelar do trabalho.

Cada enxame que vai habitar uma colmeia tem a raínha, cuja função é pôr ovos, e as obreiras que são as outras tôdas. Umas ficam "em casa„ e estão encarregues de cuidar dos favos, dos ovos e depois das larvas. Chamam-lhe as "amas„. As outras voam pelos campos em procura das flores donde retiram o pólem. Serve-lhes êste para fabricarem o mel com que se há-de alimentar todo o enxame. Existem também machos das abelhas ou zangãos, que sendo só destinadas a casarem-se com as raínhas, são postas fora da colmeia quando inúteis e morrem pouco tempo depois. Como vêem, apesar de produzirem tanta doçura, as abelhas não são nada boas com os maridos!

Alguns enxames perdem a raínha ou ela envelhece e já não põe ovos e é então preciso arranjar outra, se não acaba-se a vida daquela colmeia. Manifesta-se esta orfandade pelo grande ruído e desespêro em que vemos as abelhas em sua volta. Antes da guerra, quando tudo era fácil, podiam-se mandar vir de Itália, dentro dumas caixinhas pelo correio, e com essas raínhas grandes e de raça apurada obtinham-se enxames de 1.ª qualidade. Na nossa terra também já temos muitas facilidades. Na Tapada da Ajuda, em Lisboa, existe um pôsto de Fomento Apícola, onde facultam tôdas as indicações que se possam desejar sôbre êstes assuntos. Pode-se ver o funcionamento dum colmeal pelo que lá está patente ao público. Já se vê que ali as colmeias são das chamadas "móveis„. Têm uma espécie de taboleiros ou quadros com favos, que se acrescentam ou retiram conforme a necessidade ou tamanho do enxame. Os nossos velhos cortiços, feitos como o nome indica da cortiça dum tronco de sobreiro, não tem as vantagens das outras mas têm agora uma apreciável: não custam dinheiro (muito pouco). Por isso ainda são muito usados por êsses campos fora. E' de esperar que, no entanto, com o tempo venham a ser substituidos pelas colmeias móveis que oferecem habitações mais seguras e asseadas às abelhas e facilitam aos tratadores a cresta e inspecção dos enxames. A cresta deve ser feita de Maio a Julho, conforme as regiões, e não tem perigo nenhum desde que se calcem luvas e cubram as pernas e cara (esta última com tarlatana). E' preciso ter cautela e nunca tirar favos de mais ás abelhas porque se ficam com pouco mel não tem reservas para o inverno e morrem de fome. Mesmo deixando-se o bastante, se o inverno é rigoroso tem que se colocar ao pé das colmeias (sendo cortiços) mel, calda de açúcar, figos passados cosidos, ou o que na Beira chamam "caldudo„ (um cosimento de castanhas piladas). Sendo as colmeias móveis devem -se ter de reserva, desde a cresta, quadros de mel eperculado ou então tiram-se nessa ocasião de colmeias mais fortes. Nessa época tem-se algum trabalho... mas tudo vale a pena fazer, porque além de colhermos mel delicioso também ficamos com cera, que se vende bem.

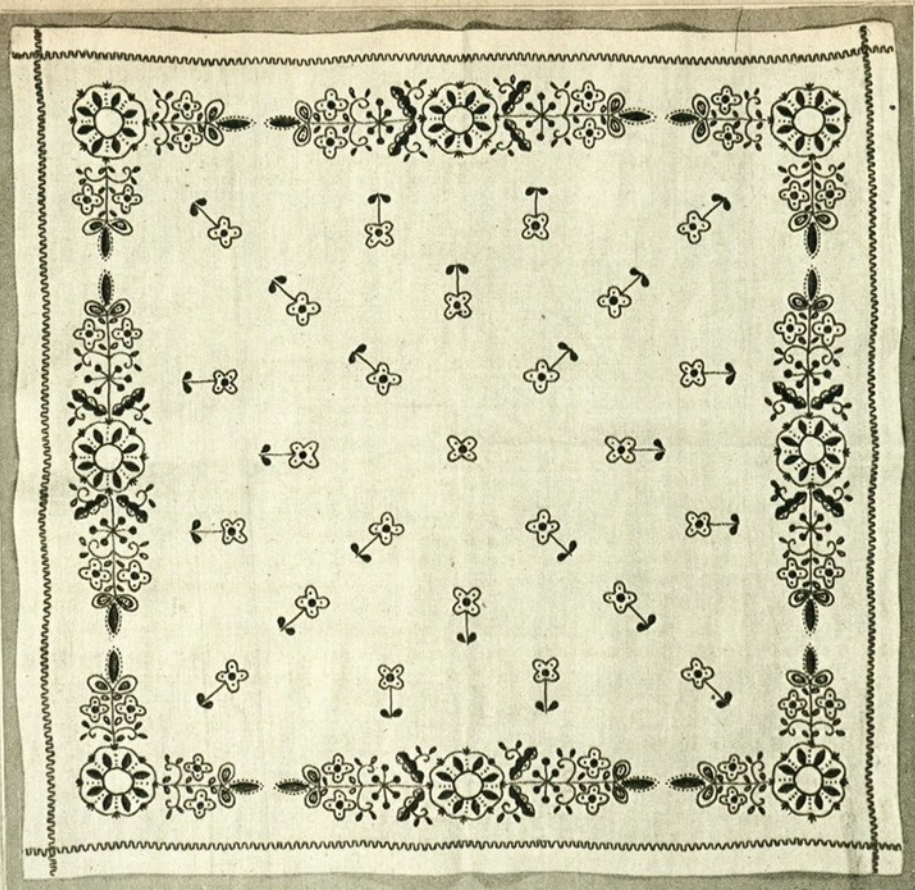
Francisca de Assis

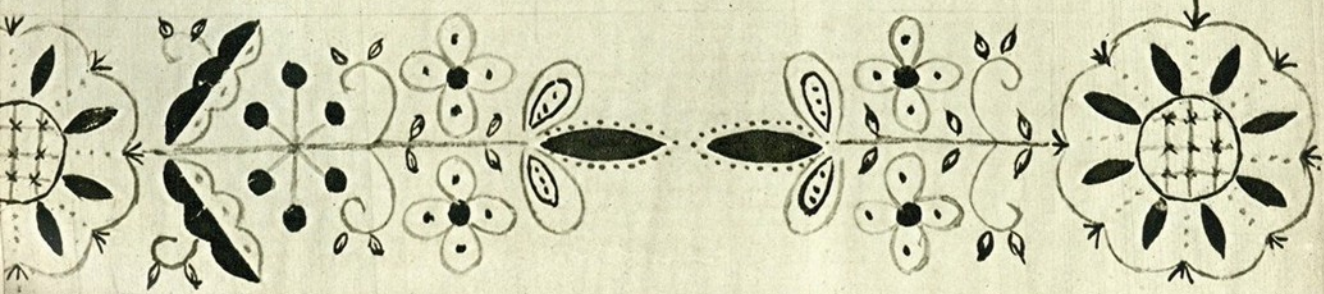
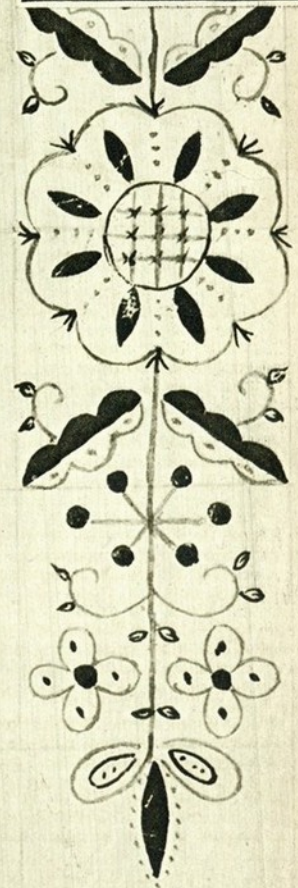
O Ministério da Economia publicou agora um folheto muito elucidativo intitulado «O A. B. C. da Apicultura Mobilista».

BEIJINHOS DE MEL — Mel: 500 grs. — Farinha: 650 grs. — Erva doce: 1 colher de chá. Dissolve-se o mel em água morna, junta-se-lhe a farinha, a erva-doce, e amassa-se durante algum tempo. Depois estende-se nas mãos com um pouco de farinha e vai ao forno em fôrma polvilhada de farinha.

BOLO DO CEU — Amêndoas raladas: 120 grs. — Mel: 500 grs. — Manteiga: 1 colher das de sôpa. — Farinha de trigo: 1 colher das de sopa. — Ovos: 10 gemas e duas claras. — Limão (casca ralada) um pouco. Fervem-se juntamente as amêndoas, manteiga, mel e farinha. Deixa-se arrefecer e adiciona-se as gemas, as claras e o limão. Bate-se tudo, deita-se em fôrma bem untada com manteiga e vai ao forno a coser.

BOLOS DE MEL — Farinha de milho: 500 grs. — Farinha de trigo: 500 grs. — Manteiga: 500 grs. Mel: 500 grs. — Açúcar: 200 grs. — Amêndoas: 200 grs. — Cidrão: 200 grs. Corta-se a amêndoa descascada e o cidrão, aos bocadinhos. Amassa-se com os outros ingredientes, numa vasilha de louça vidrada. Bate-se até a massa ficar consistente. Estendem-se depois as bolas à mão, passam-se por gema de ovo e levam-se ao forno a coser, dispostos em tabuleiros de lata untados de manteiga.

TRABALHOS DE MÃOS

PANO BORDADO COM MOTIVOS PORTUGUESES

Desenho original da Escola Industrial Machado de Castro. O bordado é feito em tons de azul

PAGINA DAS LUSITAS

TAGARELICES DA SENHORA MARIA

— *Sabem quem hoje aqui vem contar aos meninos a vida de Camões?*

— *Quem será?* — *preguntou José Manuel.*

— *Nada menos do que o snr. doutor Alexandre, fiquem sabendo!* — *disse a snr.ª Maria, com fôrça.*

— *O Tanal* — *exclamaram algumas vozes com entusiasmo.*

— *E cá estou já!* — *disse a voz suave do simpático rapaz, que entrava, risonho, na sala.*

— *Apenas lhes quero dizer* — *começou êle sentando-se no meio de todos* — *enfadando-os o menos possível, umas poucas palavras sôbre Luiz de Camões.*

Para começarmos é bom que assentemos isto: Camões é o maior poeta de Portugal e o maior épico de todo o mundo.

Já agora quero-lhes explicar esta segunda afirmação. Disse-vos que êle era o maior épico de tôda a humanidade. Como sabem, além de valiosíssimas outras obras, Camões é o autor de «Os Lusiadas», composição poética que (o nome indica-o), canta os feitos e glórias dos portugueses nossos avós.

Ora, a estas obras poéticas que narram os feitos dum povo chamamos epopeias ou poemas épicos. Este poema épico (repisemos a frase que é importante) ao qual muitos chamam «a Bíblia da Pátria» é o maior dentre todos e assim o seu autor fica sendo o maior épico de todos os tempos!

Mas dei-vos a entender que Camões não era só grande na poesia épica. Camões foi grande também (há quem diga maior ainda) na poesia sentimental, ou, empregando o verdadeiro termo, na poesia lírica.

Compôs muitos e celebérrimos sonetos, canções, elegias, éclogas, odes, etc. Também escreveu três peças de teatro e que são: Filodemo, Auto d'el-rei Seleuco e Anfitriões.

Ainda não paramos aqui: êste homem fantástico não era só poeta, era sábio! A obra que melhor atesta a vastidão dos seus conhecimentos é, sem dúvida, «Os Lusiadas». Neles se faz alusão muitas e muitas vezes à ciência que estuda e conta os feitos dos deuses gregos ou romanos e que se chama mitologia. Neles mostra o autor, freqüentes vezes, ter conhecimentos profundos sôbre tôdas as ciências da época: medicina, botânica, astronomia, história, literatura, filosofia, e muitas outras.

Luis de Camões, no que diz respeito à sua vida, é ainda hoje um problema: embora muitos e muitos portugueses tenham passado os seus dias trabalhando, investigando, procurando e até, às vezes, adivinhando..., nada há ainda de absolutamente certo sôbre êste gigante espiritual. Sabe-se, contudo, ser descendente de família nobre da Galiza, que se fixou em Portugal no reinado de D. Fernando; era filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá.

Ao que parece, nasceu em Lisboa, mas cedo partiu para Coimbra onde freqüentou a Universidade para estudar latim e grego, o que naquele tempo se chamava humanidades.

E' também ponto assente que em determinada altura da sua vida conseguiu um lugar na côrte e ali, em breve, se namorou duma dama, D. Catarina de Ataíde, o que lhe custou o exílio. Foi então para o norte de Africa. Parece que ali é que perdeu o ôlho direito (facto que tôda a gente conhece) numa batalha com os mouros.

Tempos depois partiu para a India na frota de Fernão Alvares Cabral.

Viveu em Gôa e muitas outras terras da India portuguesa de então.

O pobre poeta, nessa época quási feliz da sua vida, teve a malfadada ideia de censurar numa sua composição os costumes dos fidalgos portugueses de Gôa: e imediatamente foi enviado para a China com ordem de degrêdo.

Resa a tradição que em Macau, onde viveu nessa época, compôs grande parte de «Os Lusiadas».

Nada mais lhes direi do príncipe dos poetas portugueses senão: que morreu triste e miseràvelmente, num catre dum hospital, em Lisboa!

Morreu esquecido, ao mesmo tempo que a sua tão amada pátria caía em poder dos espanhois, em 1580. Diz-se que as suas últimas palavras fôram: Pátria! Ao menos juntos morremos...

Se morreu assim, quási desconhecido, não é para admirar: os grandes homens, os génios, raras vezes são compreendidos pelos que os rodeiam... Só muitos anos depois se avaliam inteiramente as obras, quando elas são grandes...

DEUS NÃO DORME

Dizem que A SENHORA é arisca e rabugenta...

D. AUGUSTA — E' a primeira da aula: isso nem sempre agrada às outras.

Seguira-se agora outro número: o concurso das composições históricas, com um juri que viera de fora.

MARIA DA LUZ *(aflita, chegando-se ao pé das tias)* — Perdi a minha composição!

D. ERMELINDA — Que dizes, filha? Procura bem!

MARIA DA LUZ *(com lágrimas)* — Não a acho em parte nenhuma. Paciência; não posso entrar no concurso *(saiu do pé das tias).*

E quando chegou a vez dela, tendo a Irmã São Joaquim proclamado o seu nome houve um segredar extranho no palco; mas a composição de Maria da Luz nunca apareceu.

Agora, era a vez de Carolina; e o espanto de Maria da Luz foi tão grande como a indignação de Francisca e Maria Rita ao ouvir a descarada menina começar a ler... a composição feita com tanto cuidado por Maria da Luz!

MARIA RITA *(baixo a Francisca)* — Eu não a deixo chegar ao fim, não posso.

FRANCISCA *(baixo)* — Eu não sei ainda o que faço; mas isto não fica assim, isso não!

MARIA DA LUZ *(baixo, com os olhos cheios de lágrimas)* — Escrevi aquilo com tanto gôsto...

FRANCISCA *(levantando-se)* — Vocês fiquem se quiserem; *eu* vou já contar tudo à Madre Prioreza.

MARIA DA LUZ *(segurando-a)* — Não faças isso, Chica; é uma tal vergonha para a Carolina!

MARIA RITA *(indignada)* — Vai, Chica, porque isto é de revoltar!

MUITAS VOZES — Schiu! Schiu!

A IRMÃ S. JACINTO *(aproximando-se)* — Oh meninas, que conversa é essa? Deixem ouvir a Carolina ler a sua linda composição.

FRANCISCA *(abanando-se com fôrça)* — Não posso mais, não posso! Olhe, minha Irmã, peço-lhe que venha comigo aqui fora, sim?

A IRMÃ *(acompanhando-a)* — Estás incomodada, minha filha? E' do calor — *(saem as duas nos bicos dos pés).*

Carolina acabara a sua leitura; e uma estrondosa salva de palmas atroava agora a sala, obrigando-a a vir repetidas vezes agradecer.

A Irmã S. Jacinto tornara a entrar no salão com Francisca; mas a sua fisionomia, habitualmente alegre e calma, estava grave e triste. Sentou-se e chamou Maria da Luz para ao pé de si.

IRMÃ S. JACINTO — Já sei a maldade

que te fizeram, Luz; mas podes estar certa de que a Carolina ainda vai sofrer mais do que tu: o remorso não a deixará gozar dêste triunfo a que não tem direito.

MARIA DA LUZ *(triste)* — Eu queria tanto que as tias ficassem contentes comigo hoje...

IRMÃ S. JACINTO — Minha filha, sabes uma coisa? Tenho muito mais pena da Carolina do que de ti, que tens um coração bom. E isso mesmo hei-de dizer às senhoras Cabrais.

MARIA RITA *(à Irmã)* — E a toleirona da Carolina há-de ficar com as honras da composição da Luz, minha Irmã?

IRMÃ S. JACINTO *(grave)* — Nada de escândalos, Maria Rita; tudo se fará com justiça a seu tempo, minhas filhas. E tu, Luz, oferece o teu desgôsto a Nosso Senhor. Tens uma grande alegria para te consolar: o aplauso que mereceu o teu trabalho! Se fôr premiado, podes crer que hás-de receber o prémio.

FRANCISCA — Mas minha Irmã...

IRMÃ S. JACINTO *(levantando-se)* — Vão falar com as suas famílias, meninas, e não toquem nesse assunto, peço-lhes.

CAPÍTULO IV

Todo o Colégio ficara conhecendo o roubo da composição de Maria da Luz. E como agora começavam as férias grandes e a maioria das pequenas saía para casa das suas famílias, a Madre Prioreza pediu à mãe de Carolina que não tornasse a mandá-la para o Colégio.

E quando a senhora, admirada, pediu explicações sôbre êsse pedido, que mais parecia uma expulsão, conseguira apenas esta resposta, firme e inabalável:

— A razão conhece-a a Carolina. Nada mais temos a dizer, minha senhora.

E Carolina saíra dali para sempre, apontada a dedo por tôda a pequenada: a própria Zeca indignara-se com a sua acção desleal. No dia da sua saída, ao recreio, todas comentavam aqueles acontecimentos.

ZECA — Eu não gosto da Luz, bem sabem, mas lá roubar-lhe o trabalho, isso nunca!

ALICE — Eu nem gosto, nem desgosto; mas acho que ela é um az de inteligência!

MARIA — Inteligente ou estúpida não vem para o caso; agora a Carolina é que se saiu uma boa ladra!

FRANCISCA — Como ela teve cara para ler aquilo tudo, sabendo que era feito por outra!

MARIA RITA — Descarada é que ela é!

MARIA DA LUZ — Não falem mais nisso, não? Afinal o peor foi para ela, que deve estar morta de vergonha! Eu vou ver se me esqueço...

FRANCISCA *(abraçando-a)* — E para onde vais tu com as tuas Tias, Luz?

MARIA DA LUZ *(contente)* — Sabes, Chica, a Tia Linda teve uma ideia esplêndida. Vamos passar dois meses na Beira Baixa, onde as Tias teem parentes, para ver se descobrimos por lá...

MARIA RITA *(admirada)* — O quê??!

MARIA DA LUZ — O meu tio Guilherme!

Todas riram. E no dia seguinte, alegres, despreocupadas, saíram do querido Colégio por dois meses.

As senhoras Cabrais tinham, de facto, resolvido ir estar na Beira; e como o ar da serra só podia fazer bem a todas, passariam o verão numa região montanhosa onde lhes haviam indicado uma pensão confortável. Já lá estavam havia uma semana e Maria da Luz estava deliciada.

D. AUGUSTA *(sorrindo)* — Não será fácil descobrir o teu tio Guilherme, Luzita; sem saber o apelido, a idade, o feitio...

D. ERMELINDA — Não será fácil, não; mas palpita-me que havemos de o descobrir!

MARIA DA LUZ *(scismática)* — Eu era tão pequena... Depois tive a febre tifoide; mas lembro-me de três coisas no Tio Guilherme: que era muito alto, tinha o cabelo alourado e usava óculos.

D. ERMELINDA — E como só passaram três anos desde a última vez que êle foi a Lisboa ver-te...

D. AUGUSTA — Sim, não pode ter mudado muito. E sabes ao menos, se tinha alguma carreira, Luzita?

MARIA DA LUZ — As creadas diziam sempre *snr. doutor*, é o que eu sei, Tiasinha.

D. ERMELINDA — Seria médico? Seria advogado?

D. AUGUSTA — Seria juiz??

MARIA DA LUZ — E todos os anos, pelo Natal, vinham prendas do Tio Guilherme lá da Beira: presuntos, enxidos, castanhas, murcelas tão boas!

D. ERMELINDA *(batendo as palmas)* — Então era lavrador, com certeza!

D. AUGUSTA — Já sabemos que era doutor e tinha propriedades para êstes lados!

MARIA DA LUZ *(rindo)* — E muita presunção nas suas castanhas!

Davam sempre grandes passeios pela Serra; e Maria da Luz, como uma verdadeira *cabrita*, saltava e corria, despreocupada e alegre.

Na pensão estava uma família do Porto, com um rancho de crianças; e organizavam-se muitas vezes alegres pic-nics.

Num dêsses passeios fôram surpreendidos por uma trovoada terrível; e tiveram de abrigar-se numa espécie de cabana abandonada, perto da qual tinham acampado e onde acabavam de lanchar com belo apetite. Os trovões agora eram fortíssimos!

MARIA DA LUZ — Não gosto nada de trovoadas...

MARIA AMÉLIA — Eu não tenho medo nenhum!

FRANCISQUINHO *(chorando e chegando-se a Maria da Luz)* — Tenho medo, Luz!

JOSÉ MARIA *(animando-o)* — Não chores, Chico, que é uma vergonha!

FRANCISQUINHO *(chorando cada vez mais)* — Não tenho vergonha e tenho medo!

MARIA DA LUZ *(acarinhando-o)* — Nosso Senhor quer sempre o nosso bem, sabes? Então não tenhas medo, Chiquinho.

FRANCISQUINHO *(parando de chorar)* — E Nosso Senhor está a tomar cuidado em nós?

MARIA DA LUZ *(com fôrça)* — Sempre, Chico!

(Continua)

«Davam grandes passeios pela Serra»

CHARADA

Goste dessa mulher de fortuna, e achará um enorme país!

(duas e duas)

(Ver solução na última página)

Carta às Lusitas

Queridinhas

Algumas de vocês serão capazes (estou certa que sim) de ir ensinando o Catecismo a outras crianças? Como é que o ensinam? Gostam de o ensinar?

Eu, como gosto imenso de catecismo, queria saber o que vocês pensam sôbre o assunto: e depois lhes contarei algumas histórias engraçadas das lições de catecismo na Creche de Belas.

Escrevam ao meu nome para a

Rua de Buenos Ayres, 8

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

"Como eu senti a Primavera..."

— Amanhã é o primeiro dia de Primavera! — pensei. — Vou deixar a janela aberta, para vêr a sua primeira manhã.

— Menina, levante-se! São 7 h.

— Está bem! — resmunguei de entre sonhos: um difícil teorema de geometria, e a sua conseqüência em notas da Páscoa...

Virei-me, revirei-me, e depois de muitas abridelas de bôca e levantar de braços, enfiei um roupão, uns chinelos, e acabei de abrir a janela.

Era escuro ainda! Um escuro azulado, quási negro. Mais dez minutos, e o negro fugiu para o claro. Uma carroça de lixo ao longe. Um silêncio calmo, que não oprime, que descansa, alastra-se pela rua larga. Tudo são meias-tintas e paz! E' já manhã clara, sem sol. Uma carripana a transbordar de hortaliça; uma padeira com pãis muito loiros e apetitosos; uma peixeira: saia arregaçada, descalça, ar desembaraçado, canastra em equilíbrio — quási total! — duas ou três mulheres de fábricas: baú do «jantar», pelos ombros a tradicional capinha de crochet; um bêbado tardio, alegre, com uma graça para as mulheres; o primeiro apito de fábricas: longo, assobiado, irritante! E' manhã de todo.

Mocidade. Lição de francês. Uma volta.

— E' Primavera — pensei — as árvores já devem ter imensas fôlhas e algumas flores! Olhei: um bocado desiludida, reparei que estavam quási como no dia anterior, mas parece que se erguiam com mais vigor, mais alegria talvez! Ramos de violetas, aos molhos! Claras, quási pretas, encharcavam os passeios. Uma mancha escura passou no chão, levantei a cabeça: o primeiro bando de andorinhas! Entusiasmada, ia a levantar os braços para lhes dar as boas-vindas, mas senti pesar em mim um olhar escandalizado de velho «manga de alpaca». Coitado! Para aquele não há Primavera, é sempre Inverno! E, menina ajuizada, passei solene nos meus primeiros «saltos à inglêsa».

Fecharam as lojas. Vai pôr-se o sol. Há qualquer coisa de moço no ar... Tudo é mais claro, mais alegre, mais verde-tenro. O «soldado desconhecido» é protegido por ramos de veludo verde, macio, transparente! Chove. Uma chuva miudinha que anima, que refresca! Um arco-íris enorme, parece querer abraçar meio horizonte. O sol, menos oiro, menos brutal, está de acôrdo com a Natureza, e empresta aos telhados sem graça, e às paredes de côres berrantes uma claridade fugitiva, meiga com claros-escuros.

Que beleza!

E o primeiro dia de Primavera acabou, sem gritos nem buzinares estridentes.

— Mas que batido, meu Deus! — dirão.

Dirão! Mas dizem mal! Porque não há nada na Natureza que seja «batido», não há dois dias iguais. E se houver, há sentires diferentes.

Escrevi isto, a pensar no «manga de alpaca», que cruzei êste pôr do sol de Primavera.

Maria Eugénia de Sá Coutinho (Aurora)
Chefe de Castelo — Ala 1, Centro 11, Filiada n.º 3167

"PORTUGAL"

Ao pronunciar com comoção e fervor cada sílaba da minha muito querida Pátria ditosa, Portugal, o meu coração se inflama, o meu pensamento se exalta no firmamento diamantino da Terra Lusitana. Cada letra simboliza uma virtude:

P — o símbolo da Paz.
O — o símbolo da Oração.
R — o símbolo da Rectidão.
T — o símbolo da Temperança.
U — o símbolo da União.
G — o símbolo da Gentileza.
A — o símbolo do Amor.
L — o símbolo do Lar.

Oito virtudes, a síntese da vida Portuguesa em Deus, na Pátria, na Família, a teologia do Estado Novo.

Portugal, Pátria dos lusíadas, foi cinzelado a sangue e a ouro na História Mundial.

Portugal, bendito entre tôdas as Nações, Portugal, o paraíso terrestre, Portugal, berço de Poetas, berço de Escritores, Pátria de Marinheiros, Mãi de Herois, Mãi do Amor, da Verdade, do Trabalho, Rainha do Povo Luso, Portugal, és a chama do revérbero da auréola Celestial.

Natália Carvalho Castim
Vanguardista n.º 31.595 — ala n.º 5 — centro n.º 2 — Traz-os-Montes e Alto Douro
Lamego

SETUBAL — As filiadas da M. P. F. ergueram um altar a Nossa Senhora onde, durante o mês de Maio, no intervalo das aulas, fizeram diàriamente o Mês de Maria

Decifração da charada: — AMÉRICA